

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN

Estilo de Vida Global - Global Lifestyle

Explore
INDULGENT
AMARIA
Our Choice
REBELO DE ANDRADE
Art
JUAN HERREROS
Meet
OMER GILONY
Portfolio
AURORA ARQUITECTOS
JORGE TEIXEIRA DIAS ARCHITECTS

love

AMOR À PRIMEIRA VISTA
LOVE AT FIRST SIGHT

Ferramentas para Pensar Tools for Thinking

Uma conversa entre Patrick Hamilton
e a curadora Verónica de Mello /

A conversation Between Patrick Hamilton
and curator Verónica de Mello



"ATACAMA #31", PH. © CORTESIA DE / COURTESY OF PATRICK HAMILTON



PATRICK HAMILTON, PH. © BEATRIZ OSORIO

A conversa começa devagar, quase de forma arquitectónica – camada após camada, como uma das suas colagens. Estamos no estúdio madrileno do artista chileno Patrick Hamilton, um espaço luminoso e meticulosamente organizado, onde chapas de cobre convivem com pilhas de documentos de arquivo e painéis revestidos de lixa. Assim que a curadora Verónica de Mello se junta a ele, o ambiente transforma-se. O que emerge entre ambos soa menos a entrevista e mais a uma análise estrutural de um país, de uma economia e de uma prática artística inteira construída sobre a metáfora entre ferramentas e ideologias.

"Sempre disse que os artistas são fabricantes de ferramentas", começa Hamilton. "Um carpinteiro usa uma serra para moldar a madeira; eu uso a mesma serra – literalmente, às vezes – para moldar outro tipo de realidade." De Mello inclina-se: "Mas as tuas ferramentas não são neutras. Elas vêm carregadas de história." Hamilton acena. "Exactamente. Uma ferramenta nunca é só uma ferramenta. É um objecto político, económico, social. É uma forma de compreender um sistema." De repente, o fio condutor torna-se claro: Hamilton dissecar sistemas – neoliberalismo, trabalho, arquitectura, mineração – usando materiais de trabalho quotidianos para expor as estruturas de poder.

The conversation begins slowly, almost architecturally – layer by layer, like one of his collages. We are sitting in Chilean artist Patrick Hamilton's Madrid studio, a bright, meticulously ordered space where copper sheets stand beside stacks of archival documents and sandpaper-coated panels. As soon as the curator Verónica de Mello joins him, the atmosphere shifts. What emerges between them feels less like an interview and more like a structural analysis of a country, an economy, and an entire artistic practice built on the metaphor between tools and ideologies.

"I've always said that artists are tool-makers", Hamilton begins. "A carpenter uses a saw to shape wood; I use the same saw – sometimes literally – to shape a different kind of reality." De Mello leans in, "but your tools aren't neutral. They come loaded with history", to which Hamilton agrees. "Exactly. A tool is never just a tool. It's also a political object, an economic object, a social object. It's a way into understanding a system." And suddenly the thread becomes clear: Hamilton dissects systems – neoliberalism, labour, architecture, mining – using everyday work materials in his art to expose the structures of power.

Hamilton fala de arte como um economista falaria de mercados: sistemas, estruturas e forças que moldam o mundo visível. Há quase três décadas desenvolve uma linguagem artística que une política e economia, traçando como as ideologias deixam marcas permanentes nas pessoas e nas cidades. Por exemplo, numa das suas séries fundamentais, *Arquitecturas Revestidas*, utiliza vinil de imitação de mármore e madeira – materiais de bancadas e superfícies domésticas – para “vestir” fotografias do distrito financeiro neoliberal de Santiago, “Sanhattan”, expondo a fachada brilhante e aspiracional do crescimento económico, ao mesmo tempo que revela a sua artificialidade frágil.

A trajetória de Hamilton é a história de como a economia de um país se gravou na consciência de um artista. O Chile dos anos 70 e 80 – onde as políticas radicais dos Chicago Boys tomaram forma durante a ditadura de Pinochet – é a espinha dorsal conceptual de grande parte do seu trabalho. “O mercado livre, segundo [o economista] Friedman, só pode florescer numa democracia – mas no Chile foi imposto por um regime que perseguiu, torturou e matou opositores”, explica. Esta contradição – entre ideologia e vida real – tornou-se o motor da sua prática.

A sua investigação mais ambiciosa sobre economia política é *The Chicago Boys Project*, encomendada pelo Museo Reina Sofía em 2019. Parte arquivo, parte escultura, parte cartografia política: documentos fotocopiados, entrevistas, planos económicos e fotografias históricas compõem uma instalação imersiva. “É uma pequena arqueologia do que o neoliberalismo significou à escala global”, diz. Inclui também *El Ladrillo*, o plano económico de 300 páginas que os Chicago Boys prepararam para a junta militar chilena.



"ATACAMA #22", PH. © FELIPE UGALDE



He speaks about art in the same way an economist might speak about markets: as systems, structures, and forces that shape the visible world. For nearly three decades, Hamilton has developed an artistic language that binds together politics and the economy, tracing how ideologies leave permanent marks on individuals and cities. For instance, in one of Hamilton's key series, *Arquitecturas Revestidas*, he uses faux-marble and faux-wood vinyl – materials of kitchen counters and domestic surfaces – to “dress” photographs of Santiago's neoliberal financial district “Sanhattan”, exposing the glossy, aspirational façade of economic growth while hinting at its fragile artificiality.

Hamilton's trajectory is the story of how a country's economic history carved itself into an artist's consciousness. Chile in the 1970s and 80s – where the radical economic policies of the Chicago Boys took shape during Pinochet's dictatorship – forms the conceptual backbone of much of his work. “The free market, according to [economist] Friedman, can only flourish in a democracy – yet in Chile it was imposed under a regime that persecuted, tortured, and killed its political opponents”, he explains. This contradiction – between ideology and lived reality – became the driving force of Hamilton's practice.

His most ambitious investigation into political economy is *The Chicago Boys Project*, commissioned by Museo Reina Sofía in 2019. It is part archive, part sculpture, part political cartography: photocopied documents, interviews, economic plans, and historical photographs layered into an immersive installation. “It's a small archaeology of what neo-liberalism has meant at a global scale”, he explains. It also includes *El Ladrillo*, the 300-page economic blueprint that the Chicago Boys prepared for Chile's military junta.



"RED AND BLACK SUN", PH. © CORTESIA DE / COURTESY OF PATRICK HAMILTON

A sua fascinação por materiais e ferramentas é fundamental: é aqui que o político e o material se encontram plenamente. Hamilton vê as ferramentas como pontes entre o físico e o simbólico. Para ele, a ferramenta é simultaneamente objecto e conceito: parte do mundo do trabalhador e veículo de metáfora. Na sua série contínua *Abrasive Paintings*, feita inteiramente com lixa industrial aderida a painéis, esta dualidade é evidente. "A lixa é um material pictórico – mas continua a ser lixa, aquilo que um trabalhador usa para preparar uma superfície", nota. O jogo é tautológico, quase linguístico: a lixa, feita para preparar superfícies, torna-se ela própria superfície.

Essa lógica continua no seu projecto mais recente, *Atacama*, que traça a história e materialidade da mineração do cobre no norte do Chile. O cobre – central na industrialização, nas telecomunicações, na aviação e no capitalismo global – moldou profundamente a paisagem política e social do país. "Se o cobre acaba, a economia chilena acaba", afirma Hamilton. Nesta série, trabalha com cobre 100% chileno que, paradoxalmente, compra já processado na China: "Fala da economia global em si" – extracção num lugar, valor acrescentado noutra, a mercadoria a circular de volta como material global. Uma das obras mais marcantes é uma serra de cobre não funcional, "uma ferramenta quebrada", que aponta para como a mineração impulsiona o desenvolvimento enquanto produz exploração e contradição.

No fim, a arte de Patrick Hamilton é uma prática construída sobre contradições – entre democracia e ditadura, crescimento e desigualdade, trabalho e capital, superfície e estrutura. Nas suas mãos, a economia deixa de ser abstracção e torna-se paisagem de formas, imagens e metáforas – onde cada ferramenta, cada edifício, cada material revela a arquitectura oculta do poder. E, apesar da densidade das referências, as obras de Hamilton permanecem visualmente imediatas.

Entre os seus próximos marcos está a sua primeira grande retrospectiva de "meia-carreira", no Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO), a inaugurar este ano. ^A

His fascination with materials and tools is fundamental, and here the political and the material fully converge. He sees tools as bridges between the physical and the symbolic. For him, the tool is both object and concept: a piece of the labourer's world and a vehicle for metaphor. For example, his ongoing series *Abrasive Paintings* – made entirely of industrial sandpaper stuck to panels – embodies this duality. "Sandpaper is a pictorial material – but it is also still sandpaper, the thing a worker uses to smooth a surface", he observes. The play is tautological, almost linguistic: sandpaper, meant to prepare surfaces, becomes the surface itself.

This logic continues in his most recent project, *Atacama*, which traces the history and materiality of copper mining in northern Chile. Copper – so central to industrialisation, telecommunications, aviation, and global capitalism – has long shaped the political and social landscape of Chile. "If copper ends, the Chilean economy ends", Hamilton notes. In this series, he works with 100% Chilean copper that he paradoxically buys processed in China: "It speaks of the world economy itself" – extraction in one place, value added in another, the commodity circulating back as a global material. One of his most striking works is a non-functional copper saw, "a broken tool" that points to how mining drives development, while simultaneously producing exploitation and contradiction.

Ultimately, Patrick Hamilton's art is a practice built on contradictions – between democracy and dictatorship, growth and inequality, labour and capital, surface and structure. In Hamilton's hands, the economy becomes not an abstraction but a landscape of forms, images, and metaphors – one in which every tool, every building, every material reveals its hidden architecture of power. However, despite the density of his references, Hamilton's works remain visually immediate.

His upcoming milestones include his first major 'mid-career' retrospective at the Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO), scheduled for inauguration this year. ^A